

Perspectivas para gestão adaptada de fogos em Angola



THE FUTURE OKAVANGO

O projecto de investigação “Futuro Okavango” teve como foco a gestão sustentável de recursos na Bacia do Okavango, compreendendo as regiões adjacentes do Rio Okavango em Angola, Namíbia e Botswana.

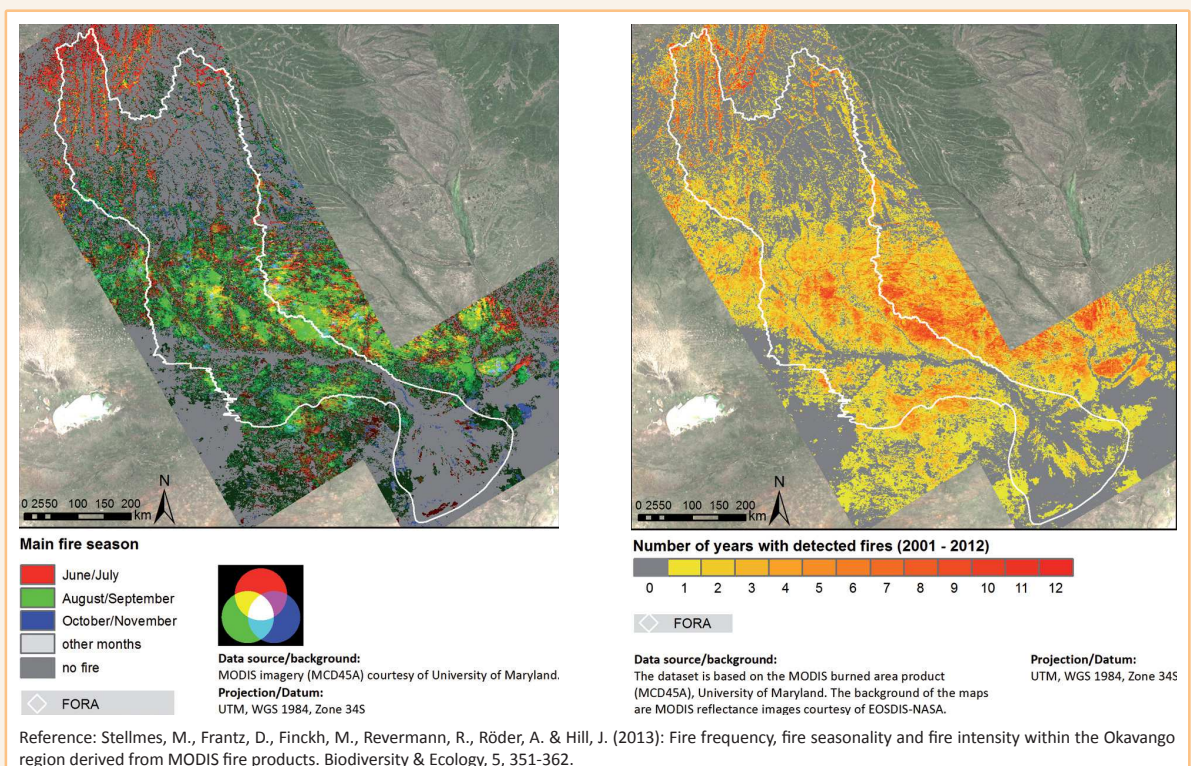
Desafio actual: Os fogos florestais estimulam fortemente alterações na cobertura dos solos e obstruem o uso sustentável dos recursos florestais

Os incêndios florestais são extremamente comuns e frequentes ao longo da bacia do Okavango. Quase todos os fogos são feitos pelo Homem e, por isso, dependem muito das práticas de gestão de incêndios e da inflamabilidade da vegetação. A sazonalidade dos fogos corresponde às práticas agrícolas em diferentes ambientes: os incêndios florestais começam na maioria em Agosto e Setembro a partir dos campos queimados e alastrandando para as matas e pousios envolventes. Os fogos nas pradarias são na maior parte iniciados cedo na estação seca de modo a facilitar a caça e para melhorar a pastagem para os animais domésticos (ver figura em baixo, à esquerda).

Principais Conclusões

A alta frequência de fogos dificulta a regeneração das florestas e matas

Forte evidência indica que um período de retorno de fogo inferior a cinco anos interfere na regeneração da árvore durante a sua fase de rebento, prevenindo assim a regeneração florestal. Adicionalmente, os fogos danificam árvores adultas. Com base nos dados MODIS, mapeámos os fogos todos os anos entre 2000 e 2013, e calculámos o período de retorno de fogo para a Bacia do Okavango (ver figura em baixo, à direita). Para todas as áreas apresentadas a cores avermelhadas, não houve nenhuma sequência de mais de cinco anos sem fogo durante o período de observação, o qual teria permitido a regeneração florestal. Por outras palavras, durante mais de uma década não houve quase nenhuma regeneração de recursos madeireiros em vastas áreas da bacia central do Okavango.





THE FUTURE OKAVANGO

Principais Conclusões e Recomendações

Quando a área com tipos de vegetação resistente ao fogo cai abaixo dos 40 %, os incêndios propagam-se rapidamente através de paisagens inteiras

No seu estado natural, mais de 70 % das encostas Sul do Planalto do Bié estão cobertas por florestas cerradas. Florestas naturais e densas de Miombo resistem aos fogos devido ao seu microclima húmido e baixa quantidade de material combustível no sub-bosque. Podem ser consideradas em grande medida como resistentes a fogos.

No entanto, no momento em que as florestas são abertas para agricultura de corte-e-queima ou produção de carvão, gramíneas altas e arbustos colonizam as áreas e os matagais tornam-se vulneráveis aos incêndios. Num caso de estudo, pudemos mostrar que, devido à alta frequência de fogos, antigos campos de cultivo e parcelas de carvão em torno da vila de Cusseque estão ainda longe da recuperação total 20 anos após a colheita. Sem uma gestão de fogos abrangente, a regeneração florestal após exploração está dramaticamente comprometida nas florestas do Bié e Moxico. As interações entre o uso das florestas e os incêndios aumentam a pressão nos restantes recursos madeiros da Bacia do Okavango. Sob o actual regime de fogos, a exploração florestal deixa de ser sustentável, tornando-se em vez disso devastadora.



Conceitos de gestão específicos para o uso sustentável das florestas devem ser desenvolvido para diferentes zonas da bacia

Como base para uma gestão de fogos abrangente, o projecto TFO compilou mapas precisos que mostram a alta frequência de fogos florestais em vastas áreas da bacia. Diferenças importantes foram observadas em relação à frequência, duração e extensão espacial dos incêndios em diferentes partes da bacia.

O actual manuseio descuidado do fogo mata animais, leva à perda de nutrientes (especialmente azoto) dos solos, e reduz a regeneração das florestas e matas. Um uso das terras mais sustentável pode ser facilitado através de conceitos de gestão de fogos, compreendendo as seguintes recomendações¹:

- Incêndios induzidos pelo homem devem ser prevenidos ao máximo em pousios e áreas desflorestadas durante os primeiros cinco anos após colheita e abandono.
- As pradarias devem ser queimadas cedo da estação seca, quando a vegetação lenhosa está ainda húmida e o risco de alastramento de fogos para as florestas e matagais é ainda pequeno. O mesmo se aplica na beira de novos campos e estradas.
- As queimadas nunca devem ser feitas em dias quentes e ventosos! Estas devem começar ao fim da tarde, quando as temperaturas começam a descer e a humidade ambiente começa a aumentar.
- Queime contra o vento, queime encosta abaixo – é muito mais fácil controlar o fogo desta forma.
- Deve ser iniciada uma campanha de formação e sensibilização sobre os efeitos ambientais dos incêndios e a manipulação do fogo de forma hábil: “o fogo é uma ferramenta – usa-la sabiamente”.

¹ A equipa científica do TFO está preparada para apoiar a instituição Angolana responsável, se desejado. (contact: info@future-okavango.org)



Aviso legal:

Este folheto informativo resume conclusões e recomendações chave seleccionadas do projecto de investigação TFO. O relatório abrangente “Futuro Okavango – Descobertas, Cenários e Recomendações para Acção” está disponível para download no website do TFO (www.future-okavango.org).

Compilado por: S. Stirn, M. Finckh

Imagens: M. Finckh, F. Maiato

Maps: Stellmes et al., 2013

Layout e composição tipográfica: *Sci.Script* – Mediengestaltung Meyenburg

Março 2016